

## ALTERIDADE E GÊNERO EM A OBSCENA SENHORA D, DE HILDA HILST

Gisele do Rocio Borges\*  
anabel-lee@pop.com.br

**RESUMO:** O presente artigo objetiva revelar de que modo as questões sobre a figuração do feminino são apresentadas em *a obscena senhora D*, novela de Hilda Hilst. Através de temáticas polêmicas – alteridade, erotismo, vida e transcendência – a protagonista Hillé faz uma revisão dos papéis estabelecidos aos gêneros, sobretudo aos construtos sociais formadores de conceitos. Para tanto, faz-se um breve apanhado a respeito da literatura de autoria feminina no Brasil, seguindo-se os apontamentos de pesquisa da escritora Nelly Novaes Coelho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Hilda Hilst, Feminino.

**ABSTRACT:** *This article aims to reveal how the issues on the figuration of women are shown in a obscena senhora D, novel Hilda Hilst. Through controversial topics - otherness, eroticism, life and transcendence - the protagonist Hillé is a revision of roles to established genres, especially the social constructs trainers of such concepts. For both, there is a brief overview on the literature of female authors in Brazil, followed by notes in search of the writer Nelly Novaes Coelho.*

**KEYWORD:** *Literature, Hilda Hilst, Female*

### A ESCRITA DA DIFERENÇA

Talvez venha de uma outra ordem de sabedoria, a do reconhecimento: a capacidade delicada de ir aos poucos atingindo, e conquistando, não propriamente o essencial, mas o inevitável. E o inevitável é construir-se. Trabalho dos mais difíceis, pois tem de recorrer a exercícios e ferramentas de corte, de ajuste e de polimento, bem como aos instrumentos necessários à produção de arestas e asperezas, ofertando a tudo a liberdade de seu sentido possível. Acionar a outra natureza da memória – o esquecimento – e valer-se do seu dispositivo técnico imprescindível ao esforço da economia: avaliar e escolher.<sup>1</sup>

O cânone literário apresenta-se historicamente como fiel e irrevogável representação dos valores culturais defendidos e cultuados em determinado tempo e espaço. Contudo, parece inquestionável, em nosso tempo, a idéia de

\* Mestre em Estudos Literários pela UFPr.

<sup>1</sup> LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995. p. 13

que tal paradigma representava na verdade os ideais ocidentais masculinos, de modo que toda expressão que não coubesse nesse parâmetro era posta à margem de um tal discurso oficial.

Durante muito tempo, a Literatura foi produzida e controlada pelo universo masculino. Mas, mesmo desconsiderada, a produção literária feminina, bem como a histórica, não pôde mais ser silenciada e vieram à tona desconstruções dos estereótipos de feminilidade construídos pelos homens. Estava surgindo um novo padrão feminino, desta vez gerado pelas próprias mulheres e sob sua perspectiva particular. Por volta de 1970, em pleno efervescer feminista, surge uma crítica preocupada em resgatar a personalidade feminina, dando-lhe um *status* próprio dentro da construção literária. Há ainda um movimento de abertura e revisão histórica-literária que suscita uma nova abordagem de seus objetos de apreciação e estudo, promovendo a descentralização e a valorização daqueles que, até então, permaneceram invisíveis sob a ótica oficial.

Ao estudar a representação feminina, evidenciam-se os mecanismos empregados pelo patriarcado, de estereotipização e construção de uma figuração feminina que era, em verdade, o que os homens entendiam ou desejavam que fosse. Ou seja, a história feminina era a história que os homens contavam das mulheres.

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no "sério" mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história européia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos.<sup>2</sup>

É evidente que houve a necessidade de uma ruptura daquele paradigma literário e a construção de uma nova perspectiva de vida e de escrita, desta feita, produzida pelas próprias protagonistas.

Cada vez mais se procura refletir sobre os diversos aspectos do feminino na literatura; e especificamente, se há uma literatura "feminina". Os detratores desse viés alegam que, em tal caso, haveria também a literatura índia, a negra ou a homossexual. Entretanto, críticos literários de todas as

<sup>2</sup> LOBO, p. 5

tendências reconhecem a existência de, senão uma corrente, pelo menos uma "perspectiva feminina" na narrativa:

A condição feminina, vivida e transfigurada esteticamente, é um elemento estruturante nesses textos, não se trata de um simples tema literário, mas da substância mesma de que se nutre a narrativa. A representação do mundo é feita a partir de uma ótica feminina, portanto de uma perspectiva diferente (para não dizer marginal), com relação aos textos de autoria masculina.<sup>3</sup>

No que tange às questões do percurso da trajetória da literatura brasileira de autoria feminina tem-se uma clarificadora pesquisa da escritora Nelly Novaes Coelho em *Feminino Singular*, sobre algumas escritoras que abriram as portas das editoras, inserindo mudanças ao contexto literário nacional.

Coelho ao reportar-se às tendências da literatura feminina no Brasil, estabelece três momentos distintos: o primeiro (anos 30/40) onde houve um predomínio do social ou da consciência ética, numa tentativa de valorização da capacidade intelectual da mulher. Como grandes representantes desse momento literário tem-se Raquel de Queirós, Carolina Nabuco, Dinah Silveira de Queirós e Lygia Fagundes Telles.

O segundo momento (anos 40/50) é especialmente demarcado por uma vanguarda literária que mostra um rompimento com a visão tradicional. Como grande exemplar dessa fase, Nelly Novaes elege Clarice Lispector.

Entretanto, em um terceiro momento (anos 60/80) a ficção feminina é tomada pela consciência de que a palavra é um agente criador. Muitas inovações acontecem: a fragmentação narrativa; o conto passa a predominar em relação ao romance; também as temáticas literárias tornam-se diversificadas, há predominância das sondagens existenciais, fantasias intertextuais e exploração do erotismo.

As vozes inovadoras desse período listadas na pesquisa de Coelho são de: Maria Adelaide Barroso, Nélide Piñon, Hilda Hilst, Ana Maria Martins, Julieta de Godoy Iadeira, Marina Colassanti, Sonia Coutinho, Márcia Denser, Helena Parente Cunha, Heloísa Maranhão e Sarah Pinheiro de Las Casas. Dentre as observações a respeito da literatura feminina desta fase, há um espaço reservado a produção hilstiana:

---

<sup>3</sup> XAVIER, p. 236.

Foi em 1950, com a poesia do livro *Presságios* A era getuliana estava findando. Getúlio se suicidaria em 54. Estávamos vivendo o fim do estado Novo. As forças estavam se acumulando para uma nova era começar. O próprio título do livro, *Presságios*, mostra que ela já era meio “bruxa”: já pressentia as grandes mudanças em gestação. Bem sabemos que, no Brasil, os anos 50/60 corresponderam a grandes inovações em todos os setores. Hilda Hilst vai, com a poesia, crescendo, em força, em consciência do outro, em busca: a busca da vida verdadeira, autêntica. Sua poesia está realmente empapada dessa força até que, em 67, Hilda tenta, no teatro, uma nova forma de indagação e de comunicação. Tem início o seu grande teatro simbólico, lamentavelmente desconhecido do público até hoje.<sup>4</sup>

Seguindo os apontamentos da pesquisa, constata-se que a grande iniciação ocorreu na entrega de Hilda à ficção, na década de 1970, *Fluxofoema* é o primeiro livro dessa fase, seguido por *Qadós* em 1977. Ainda segundo Coelho:

Desesperado testemunho de uma civilização em agonia, a civilização criada pelo Cristianismo e que acabou se esgotando, a obscena senhora D é um fim e um início. Livro importantíssimo, principalmente pelo que nos revela do drama feminino... E o último livro, *Com meus olhos de cão*, também uma obra fantástica (...) Enfim, o nosso mundo todo, visível e invisível, está na poesia de Hilda Hilst. Está na sua prosa, fragmentada, insólita, metamórfica, poderosa, desafiante. É ler para saber.<sup>5</sup>

Posteriormente, segue-se a publicação de *Tu não te moves de ti* e *A obscena senhora D*, definido por Nelly Novaes Coelho como “(...) breve e denso livro que pode ser considerado uma obra-prima em qualquer literatura”<sup>6</sup>.

### **A Obscena Senhora D**

*A obscena senhora D*, novela publicada em 1982 – por Hilda Hilst – faz vislumbrar construtos erigidos a partir de uma ótica não idealizada, questionando ideias sobre os papéis culturalmente estabelecidos. Desse modo, tecendo os questionamentos mais essenciais e incômodos, trazendo à tona uma

<sup>4</sup> COELHO (1989), p. 137

<sup>5</sup> Idem

<sup>6</sup> Idem

gama de possibilidades, abordando-se temáticas que não protagonizam o discurso oficial:

O erotismo (que aparece como uma das forças mais importantes na ficção e no teatro da autora) é aqui o nervo central. É na evolução da sexualidade presente em sua poesia inicial, para o erotismo dessa última que vemos o problema da Mulher, tal como se vem colocando em nossos tempos: ela se redescobrando, essencial, com a responsabilidade de ser princípio, expansão e duração do homem em plenitude sexual.<sup>7</sup>

O viés literário hilstiano devasta esses conceitos “cientificamente” impostos, que se mostram insuficientes e tantas vezes opressores, abrindo a possibilidade de repensar para que servem os “ideais” preestabelecidos, subvertendo todos os estereótipos mantidos pela eficácia da repetição, sobretudo as questões formadoras de uma “identidade feminina”.

A narradora utiliza-se da escrita para compor aquilo que Hans Jauss definiu em sua obra como sendo “o poder revolucionário da arte: o de libertar o homem de preconceitos e representações arraigadas na sua situação histórica, antecipando assim uma realidade nova”<sup>8</sup>. E sob essa perspectiva, acreditamos ser correto afirmar que a arte literária de Hilda Hilst antecipou, esteve à frente, renunciando diferentes formas de entendimento do mundo - até mesmo para conseguir sobreviver a tudo o que testemunhou. Sobre essa antecipação e profundidade na forma de pensar e sentir – explicitadas na literatura hilstiana – Nelly Novaes Coelho fez os seguintes apontamentos:

Então, realmente, pelo que ela pôde explicar, aqueles que ainda não leram Hilda Hilst, já podem avaliar como é difícil. Diz-se que ela não vende porque o leitor de hoje, na maioria, não está sintonizado na faixa do pensar. O pensar para além da epiderme, o pensar para além dos limites em que nós temos que viver o dia-a-dia que é tão importante. (...) Então dizem: “é uma escritora hermética”. Não é hermética, a partir do momento em que a gente se sintoniza com a dimensão em que ela está vibrando, pensando, vivendo, em que está enfim, fluindo.(...) De qualquer forma, a obra de Hilda Hilst está aí. E como eu disse, veio antes do tempo, já começa a ser compreendida por um número maior de pessoas... As coisas evoluem. É só pensar, por exemplo, na linguagem fragmentada que, no início do século, era um espanto e ninguém entendia. (...) Então esses escritores, como os

---

<sup>7</sup> COELHO, posfácio

<sup>8</sup> JAUSS, p. 36

raros que há no Brasil e em Portugal (para só falarmos na literatura de expressão portuguesa), logo poderão ser compreendidos.<sup>9</sup>

À medida que aumenta o interesse da escritora pelas questões ocultas no microcosmo humano, assoma a questão sexual como fator intrínseco a uma possível ascensão. Diante das questões apresentadas pelos protagonistas Hillé e Qadós, ressalta o caráter dialético entre as pulsões carnis (expressas na sexualização do corpo) e a intenção de transpor (através do desejo erotizado) as limitações humanas. Permeada pelo signo da ruptura e seguindo em uma via transgressora, a personagem-narradora conflua a uma concordância final, somente apreendida quando rompidos e compreendidos as interdições atribuídas a seus anseios.

Através da catarse que a obra nos oferece, é possível vislumbrar como tem sido a figuração feminina em contraponto ao discurso oficial; afinal Hillé – ou a senhora D – é alguém que aspira a uma transcendência, questionando sua própria existência e os papéis sociais que desempenha:

Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar nome, nem porisso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por Ehus A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas, Derrelição Ehud me dizia, Derrelição – pela última vez Hillé, derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu? Desamparo, abandono, desde sempre a alma em vaziez, buscava nomes, tateava cantos, vincos, acariciava dobras, quem sabe se nos frisos, nos fios nas torçuras, no fundo das calças, nos nós, nos visíveis cotidianos, no ínfimo absurdo, nos mínimos, um dia a luz, o entender de nós todos o destino, um dia vou compreender, Ehud compreender o quê? Isso de vida e morte, esses porquês.<sup>10</sup>

Na tentativa de se traçar um perfil da protagonista de *A obscena senhora D*, percebem-se muitas dissonâncias, dentre elas sua busca por resposta e consolo diante da efemeridade da vida. O percurso de Hillé é apresentado de uma forma desnudada e urgente, não há constrangimento para a personagem diante das questões mais chocantes e grotescas, não há censura

---

<sup>9</sup> COELHO, pp. 158-159

<sup>10</sup> HILST (1986), p. 61

em *A obscena senhora D*, que é flagrada em um instante crítico, presa em delírios.

D, a louca, vive na tênue linha que separa a loucura da lucidez. Sua residência é vista pelos vizinhos como a "Casa da porca", um lugar maldito, de uma mulher que transborda obscenidades e injúrias. Hillé vê nisso apenas um reflexo da decadência corpórea, ela prefere não sair de sua casa, o que equívale a não sair de si mesma. Há um distanciamento entre Hillé e seus vizinhos, para quem ela não passa de uma louca delirante; para ela, eles não passam de ignorantes cheios de clichês, de senso comum e vulgaridade. Portanto a "louca" e seus vizinhos vivem constantes atritos.

Não pactuo com as gentes, com o mundo, não há um sol de ouro no lá fora, procuro a caminhada sem fim (...) Senhora D, senhora D, olhe, dois pãozinhos para a senhora, fui eu mesma que fiz, sou sua vizinha, se lembra? (...) Então escuta, aqui na vila me perguntam por você todos os dias, eles me vêm trazer o leite (...) querem saber o porquê das janelas fechadas, tento explicar que a senhora D é um pouco complicada, tenta Hillé, algumas vezes lhes dizer alguma palavra, você está me ouvindo?<sup>11</sup>

Os diálogos-monólogos d'*A obscena senhora D*, em fluxo contínuo, sempre à beira de, são especialmente fortes nas cenas das descrições de máscaras construídas por Hillé, em que seu sentimento de inadequação leva-a a experimentar uma marginalização. A busca da narradora é constituída de árduas constatações, pois em face da idade seu corpo já não desperta desejos e ela passa a usá-lo — em meio a gritos e insultos — como instrumento de agressões à futilidade alheia. Hillé vive uma decadência física e moral, na mais absoluta solidão. E, impotente diante de tais questões, nega-se ao mundo externo, limitando-se ao seu universo interior, sempre permeado pelos fantasmas de outrora:

Sorrio diante da megalômana. Sedutora. Fêmea e força. E continuo no roteiro da saudade dos meus mínimos. Do que fui antes de conhecê-la. (...) Rebusco-me para um dizer distraído e antes de fazê-lo Hillé me antecede: sabes Ehad, quando penso em procurar-me a mim, assoma um tropeço sem trégua, e afrontas no equilíbrio, pé e cara, e vejo os retratos lá longe, reduzidos, redutores também, a vida-retrato no funil do infinito. Quem é essa piquininha, essa que cobre o olho, da luz? Sou eu Hillé e te lembras dessa hora? Te lembras desse aguilhão no

---

<sup>11</sup> HILST (1986), p. 67

olho? Luz que não vem mais. Sucção que aspiro, boca e olhos abertos numa incondicionada espera, tento apoderar-me dos definitivos, isto é definitivo, Hillé, não pergunta mais (...).<sup>12</sup>

Na jornada d'obscena senhora D, presentifica-se desejo de uma alteridade, onde a protagonista persegue um construto identificador que possa ser acomodado em seu corpo, há uma busca por algo que vai para além de um si-mesmo, confrontando diversos conceitos reafirmados ao longo da história. No texto, essas questões são trazidas À tona para constatar-lhes a falta de aportes continuístas, especialmente a noção de uma identidade nuclear, sólida e estável. A categoria de identidade torna-se objeto de estreita revisão, sobretudo por sucumbir frente aos paradigmas firmados. A voz narrativa faz alusões às máscaras sociais – que acabam por tornar compatíveis as contradições humanas:

( ) que eu beba a água da fonte sem procurar o ouro, que eu atravesse as manhãs imaculado e torpe a um só tempo, olhando sem perguntar, tateando a mim mesmo sem perplexidade, olho vazado, olho-vidro-limite, que eu seja igual a todos que caminham nas manhãs e se dizem palavras, rápidas, amenas, bom-dia, dormiu bem, que tal a noite, as panquecas estão prontas, com creme ou com açúcar o café? Não senhor, a senhora ainda não se levantou, devo chamá-la? Não não, já plantaram as tílias, ah, sim?(...) Que eu olhe para os pés e para as mãos e ache muitíssimo natural ter unhas, e pêlos nas axilas (...) Que eu atravesse os arcos, as salas, contando os passos, olhando apenas para as sandálias sem perguntar se antes de mim, neste espaço, houve alguma vez deicídio, holocausto, repregaram mil vezes mil alguéns que perguntavam o que fazia ANTES, ANTES DA IDÉIA?  
13 “

(...) “se eu estivesse serena sairia com a máscara da serenidade, leve, pequenas pinceladas, um meio sorriso, todos os que estivessem serenos usariam a mesma máscara, máscaras de ódio, de não disponibilidade, máscaras de luto, máscaras do não pacto, não seria preciso perguntar vai bem como vai etc., tudo estaria na cara.<sup>14</sup>

Também estão presentes no texto, dicotomias como “razão e imaginário”, “público e privado”, “repressão e desejo”, “consciência e inconsciência”, “juventude e velhice”. Tais dualidades serão experimentadas, sendo que a protagonista subverte, através de seu discurso, todas as construções estereotipadas:

<sup>12</sup> HILST (1986), p. 67

<sup>13</sup> Ibidem, p. 266

<sup>14</sup> Ibidem, p. 66



Se sou zebu também caminho aos bandos, sou triste de olhar, quero dizer que não terás muita luz no olho se me olhares, a cabeça procura sempre o chão, o beijo que o verde sempre, se levanto a cabeça olho como quem não vê, procuro como quem não procura, corro se os outros correm ouvindo a voz do homem he boi he boi, que coisa crua empedrada a voz do homem, que cheiro o cheiro do homem, sendo girafa olho alto, estufo de langores, sobrepasso, sendo girafa no vão da escada encolho, franzida me agacho, sendo girafa te procuro mais perto, lambadura acontecível isso de Hillé ser búfalo zebu girafa, acontecível isso de alguém ser muito ao mesmo tempo nada, de olhar o mundo como quem descobre o novo, o nojo, o acogulado, e olhando assim ainda ter o olho adifano, impermissível, opaco.<sup>15</sup>

Há uma constante negação de Hillé a todo discurso que concede ao feminino sua realização através das atividades domésticas, entre elas, o casamento, a maternidade e coisas resignadas ao espaço privado: “Senhora D, a viva compreensão da vida é segurar o coração. “Me faz um café (...) e pedi um café também. Um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam, senhora D, vamos falar do homem aqui agora”<sup>16</sup>.

E, agindo de modo pouco ou nada convencional, afrontando concepções, a personagem acaba por incitar a crítica e o julgamento da vizinhança, e sua casa passa a ser comparada a um lugar demonizado, onde coisas obscenas acontecem. Por vezes a referência é feita através da expressão “casa da porca”, numa espécie de demonização daquela que afronta todas os conceitos vigentes. Em determinado momento é requisitado até mesmo um exorcismo para que se possam expulsar os demônios Asmodeu e Astaroth que assolam aquele espaço profano e impuro, habitado por uma mulher igualmente possessa:

Senhora D, podia por favor abrir um pouco a janela? Só um instantinho, sabe o que é, é que tem um homem aqui que sabe fazer benzeduras, sabe o que é senhora D, espera um pouco, o homem tá dizendo umas coisas, presta atenção senhora D. quem? Ah sim, o homem tá dizendo que Asmodeu Asmodeu a senhora conhece né? Ele disse que sim que a senhora conhece, então, se a senhora conhece não precisa dizer mais, mas o homem tá dizendo que Asmodeu tá aí dentro do seu peito hen? Quem mais, moço? Tem mais um aí senhora D, péra um pouco que o nome desse é mais difícil, ah sim, Astaroth, é isso, credo Astaroth, é isso, esses dois tão aí, é o homem que diz, ele também tá dizendo que esses é que fazem a senhora assim, viu senhora D? senhora D? a uma luz na tua cara tão difusa e em pontas que esses dois são fogo senhora D

<sup>15</sup> HILST (1986), p. 67

<sup>16</sup> Ibidem, p. 66

vá depená o sabiá, senão te dou uma carovada uma muqueta  
chi credo, mulher nenhuma fala assim, vade retro.  
o que? Vade retro é uma coisa pros dois que estão aí, pros demônios  
saírem.<sup>17</sup>

A negação de D ao contato externo é quebrada somente em poucos momentos, através da janela – que passa a ser o canal de comunicação com o mundo exterior, constituindo uma dialética conturbada de negação e desejo pelo contato e a repulsa. Há nesta passagem um extremado desejo de se despejar e se reconhecer no outro, tendo na linguagem uma ponte para tanto:

Abro a janela enquanto ele se afasta, invento rouquidões, grunhidos  
coxos, uso a máscara de focinhez e espinhos amarelos (canudos de  
papelão, pintados pregos), respingo um molho de palavrões, torpes,  
eruditos, pesados como calcáreos alguns, outros finos pontudos,  
lívidos, grossos como mourões pra segurar touros nervosos (...) e toda  
vizinhança se afasta da janela, vagidos de crianças, roncoss, latidos,  
depois com estrondo me fecho.<sup>18</sup>

A sexualidade também se torna via para a busca proferida por Hillé. Há uma constante negação ao sexo efetivamente instintivo, que traz saciedade somente às questões corporais, onde reside também o reavaliar do amor, do desejo. Tais avaliações são proferidas, sempre à revelia do companheiro EHUD, que optou viver somente as questões imanentes. Entretanto, para D, o corpo e o espírito devem ser despojados de todos os destroços sócio-culturais, buscando sempre uma conjunção maior e mais plena.

E, como reflexo dessa entrega plena e cósmica, há manifestações linguísticas incompreensíveis, que tocam suas instâncias primeiras: “EHUD, sabes como é a palavra intelecto em russo? É UMM. O M prolongado UMMMMMMMM. A carne é que deveria ter o som do UMM (...)”<sup>19</sup>. Numa clara alusão ao paradoxo vivificado pela protagonista que esteve sempre dividida entre dois pólos: o intelecto (razão) e a carne (coração).

A novela *A obscena senhora D* está repleta de reflexões a respeito dos papéis propostos e encenados por todos, especialmente no que tange a figuração dos gêneros. E, ainda que *D* tenha se negado de maneira contundente a participar dessas encenações, em diversos momentos, sua postura

<sup>17</sup> HILST (1986), p. 71

<sup>18</sup> Ibidem, p. 70

<sup>19</sup> Ibidem, p. 88

revolucionária e inquiridora tornaram-na inadequada ao referencial feminino que se constituía à sua volta.

Dentre as reflexões dos movimentos sociais que emergiram durante os anos sessenta, a respeito das novas identidades surgidas na pós-modernidade ou “modernidade tardia”, Stuart Hall irá afirmar que “o feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, 'a Humanidade', substituindo-a pela questão da diferença sexual”<sup>20</sup>.

Percebendo como acontece a construção do momento histórico, aliado à construção de cada indivíduo, nos textos de Hilst serão revelados os seres no coro da história que não foi contada. Através da catarse que a obra nos oferece, é possível vislumbrar como tem sido a figuração feminina em contraponto ao discurso oficial. As atitudes e proposições da *senhora D* demarcam a inquietação da protagonista frente as posturas correntes, explicitando sua impossibilidade de limitar-se às questões domésticas ou de ordem privada. Certamente, a protagonista é alguém que busca arrebatadamente um entendimento maior, uma identidade particular no mundo:

Escute senhora D, se ao invés desses tratos com o divino, desses luxos do pensamento, tu me fizesse um café, hen? E apalpava, escorria os dedos na minha anca, nas coxas (...) eu dizia-lhe espere, queria tanto te falar, não, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nada do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós (...).<sup>21</sup>

O afastamento e a reclusão de Hillé, fazem-na adentrar as questões mais insólitas, precipitando-na à uma incursão interior sem qualquer perspectiva de volta, isto é, a visita aos espaços desconhecidos repercute em uma descompassada incoerência. Torna-se notável que, diante de suas concepções filosóficas e existenciais, delimitam-se as possibilidades de convivência para a senhora D, que a certa altura da vida, já não consegue estabelecer qualquer contato com o mundo exterior, fato que faz com que seus vizinhos teçam os mais inusitados comentários a respeito de suas excentricidades. Desse modo, presentifica-se uma inadequação diante das representações que a circundam e dificuldade de aceitação do *status* estabelecido. A narradora não consegue

---

<sup>20</sup> HALL (2003), p. 46

<sup>21</sup> HILST (1986), p. 61

compactuar com as encenações sociais, sobretudo após a morte de seu marido – fato que torna ainda mais acentuada sua recusa:

Por que me chamo Hillé e estou na Terra? E aprendi o nome das coisas, das gentes, deve haver muita coisa sem nome, milhares de coisas sem nome, e nem porisso elas deixam de ser o que são, eu se não fosse Hillé seria quem? Alguém olhando e sentindo o mundo. Alguém, nome de ninguém (...) Revisito, repasseio, passeio novamente em nova visita paisagens e corpo, eu teria amado Franz K, riríamos, leríamos juntos com Max e Milena nossos textos bizarros, e cartas, conferências, segredos em voz alta, eu teria amado Tausk e teríamos nos matado juntos, tiro e força, dois corpos mutilados, teus olhos, Tausk, teus maxilares, tua alma, Victor, toda tua perdição, nunca haveria respostas, nunca, anotaríamos em roxo nossas irresponsáveis a perguntas, tudo uma só pergunta (...) E sobre as tuimbas esse mesmo sinal em granito rosa, majestoso, ao redor umas sempre-vivas, uns lírios quem sabe, uns espinhos para Lou e Freud se machucarem, ah, não viriam, isso sabemos.<sup>22</sup>

Feita por um processo metamórfico, a trajetória de Hillé apresenta um desdobramento, fato que a torna mais lúcida da condição em que vive: “uma desastrada lembrança de mim mesma”<sup>23</sup>. Todavia, no decorrer do percurso há um resgate interior, efetuado à medida em que a protagonista vai avançando no entendimento de seu espaço no mundo e da realidade na qual está inserida - ainda que a considere extremamente absurda. A metamorfose vivificada por Hillé é percebida pela sucessão de máscaras com as quais vai se mostrando no decorrer da novela. A personagem transfigura-se em persona, através das máscaras escolhidas:

(...) fiquei mulher desse Porco-Menino construtor do Mundo, abro a janela nuns urros compassados, espalho roucos palavrões, giro as órbitas atrás das máscaras, não lhes falei que recorto uns ovais feitos de estopa, ajusto-os na cara e desenho sobancelhas negras, olhos, bocas brancas abertas? Há máscaras de focinhez e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados de pregos, há uma máscara de ferrugem e esterco, a boca cheia de dentes, há uma desastrada lembrança de mim mesma, alguém-mulher querendo compreender a penumbra, a crueldade, quadrados negros pontilhados de negro- alguém-mulher caminhando levíssima entre as gentes, olhando fixamente as caras, detendo-se no aquoso das córneas, no maldito brilho.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> HILST (1986), p. 78

<sup>23</sup> Ibidem, p. 63

<sup>24</sup> Ibidem, p. 63

Presentifica-se uma confluência ao final, um resgate de algo que havia se perdido há muito – sua alteridade é capturada através de insuspeitados caminhos e transformações. Novamente o veio feminino parece despertar no âmago da personagem, seguindo por um viés transcendente:

Há uma desastrada lembrança de mim mesma, alguém-mulher querendo compreender a penumbra, a crueldade – quadrados negros pontilhados de negro - alguém-mulher caminhando levíssima entre as gentes, olhando fixamente as caras, detendo-se no aquoso das córneas, no maldito brilho<sup>25</sup>. Um ser mulher tão machetado de redondos de ferro, de timidez e pregos, um ser-mulher quase inconcesso de tão diparatado e novo (...).<sup>26</sup>  
 (...) quando penso em procurar-me a mim, assoma um tropeço sem trégua, e afrontas no equilíbrio, pé e cara, e vejo os retratos lá longe, reduzidos, redutores também, a vida-retrato no funil do infinito.<sup>27</sup>

A narradora explora todos os seus espaços interiores, fundindo a dicotomia bestial/divina, optando por experimentar diversas maneiras do existir: "sou uma pequena porca ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar perto do macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso"<sup>28</sup>. Há uma referência constante à dialética humana, que segundo a narradora, pode ir do mais animalesco e instintivo ao mais sublime e divinal.

*A obscena senhora D* constitui-se de um caráter provocador, belicoso, que busca sempre uma ruptura. O desafio das protagonistas se faz análogo ao desafio da arte na pós-modernidade, e sobre isso Susan Sontag comenta:

Uma grande obra de arte nunca é simplesmente (ou mesmo principalmente) um veículo de idéias ou de sentimentos morais. É, antes de mais nada, um objeto que modifica nossa consciência e sensibilidade, alterando, ainda que ligeiramente, a composição do húmus que nutre todas as idéias e sentimentos específicos. (...) a unidade básica da arte contemporânea não é a idéia, mas a análise e a ampliação das sensações.<sup>29</sup>

Nessa direção, presentifica-se que a escrita de Hilda faz-se mesmo inquietante, levando seu leitor a um estranhamento inicial e também a um

<sup>25</sup> HILST (1986), p. 63

<sup>26</sup> Ibidem, p. 71

<sup>27</sup> Ibidem, p. 73

<sup>28</sup> HILST (1986), p. 68

<sup>29</sup> SONTAG, p. 346

alargamento textual inevitável, tornando dessa forma a literatura um veículo modificador e ampliador no que tange às questões de ideias ou conceitos do seu interlocutor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Nelly Novaes. **A poesia Obscura/Luminosa de Hilda Hilst e a "Metamorfose" de nossa época. Posfácio de Poesia (1959 – 1979)**. São Paulo: Quíron, 1980.
- \_\_\_\_\_. **A Obscena Senhora D: Agonia entre o Sagrado e o Profano**. São Paulo, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst**. In: "A literatura feminina no Brasil contemporâneo", 1987.
- \_\_\_\_\_. **Feminino Singular**. São Paulo: GRD, 1989.
- LOBO, Ilda. **Literatura de Autoria Feminina na América Latina — Mulher e Literatura**. <http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>. Consultado em 02/01/2005.
- HALL, Stuart. "Quem precisa de identidade?" In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença, a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HILST, Hilda. "A Obscena Senhora D". In: **Com os meus olhos de cão e outras novelas**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Estar Sendo. Ter Sido**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2006.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAUSS, Hans Robert. **A Literatura como Provocação. História da Literatura**. Trad. Teresa Cruz. 1ª ed. São Paulo: Passagens, 1993.

SONTAG, Susan. **Contra a Interpretação**. Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: LP&M, 1987.

XAVIER, Elódia. **Narrativa de Autoria Feminina na Literatura Brasileira: As Marcas da Trajetória**. <http://www.hildahilst.cjb.net>. Capturado em 25/03/2006.